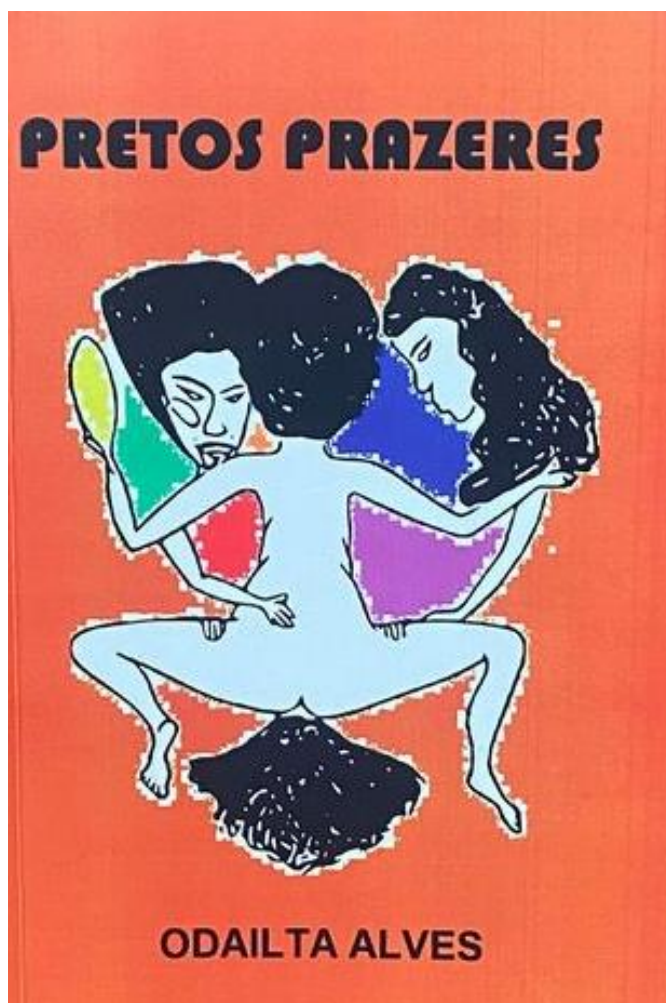


Amor nos entre-prazeres da vida preta

Janaina de Lima Ferreira *



Amores

*Amor que (se) alimenta
e quanto mais fortalecido
maior a fome
Amor que esfomeia
enlouquece, aquece, entontece
Busca certezas, mergulha nas dúvidas
Se contenta com tudo
basta um sorriso e
viver é maravilhoso
Amor que devora
perde a hora, vai embora
Sofre silenciosamente
se faz carente, frágil, doente
Crente no ser amado
Duvidoso de si mesmo
Amor rebelde
que cresce a todo custo
e fica tão intenso
que não cabe em si mesmo
abre as portas da vida
e invade o mundo.*

Odailta Alves

Letras, palavras, frases, parágrafos, páginas a metamorfosear vozes, rostos, corpos, movimentos, pensamentos, sabores e arrepios. Escritas que germinam uma sede insaciável de sorver cada gota de deleite que a obra *Pretos Prazeres* nos traz. Ao ler esta literatura desvelei mais um lado do meu ser que jazia oculto na bruma de uma vida padronizada. *Pretos prazeres*, de Odailta Alves, publicado em 2020 pela editora Lucel, é um livro que grita os íntimos e profundos prazeres de mulheres e homens cis, lésbicas, gays, bi, trans, pan e muito mais... Prazeres do corpo, da alma, do sexo, da sensualidade perdida, prestes a ser redescobertas por buscas tímidas, mas sagazes na eterna e árdua missão de desvendar a si próprio nas “memórias resgatadas dos lumes da fogueira da paixão” (p. 45).

Trata-se de um livro que transcende o prazer da carne e acalenta o mais profundo desejo de viver formas distintas de experimentar-se experimentando o outro. Odailta Alves, mulher negra, escritora, atriz, educadora e mãe... Uma poetisa da vida! Recria

versos, solos e poesia nas escritas vivas de uma mulher negra, que luta diariamente contra a via única da dor preta. Resiste no olhar ao buscar intrínsecas belezas nas paisagens vivas do morro, da cidade, do centro, de Recife. A autora reinventa vozes, gritos, risos, prantos, sussurros, burburinhos negros que ressoam para além do seu corpo.

No amalgamar de cinquenta escrevivências une o eu e o outro, o ontem, o hoje e o agora, conforme sugere Conceição Evaristo. Enxerga, observa, brinca, prova e liberta corpos na autodescoberta do prazer da vida. Este breve momento em que o corpo estremece, o sangue acelera, olhos fechados mergulham na imensidão do sentir, do saborear o gosto do gozo, do respirar os aromas despertados pelo choque dos corpos sedentos e molhados nos bel-prazeres. Visão, audição, paladar, olfato e tato todos em êxtase vividos e provados ao mesmo instante. Na poesia-prosa da autora, encontramos o “amor a naufragar nas águas do rio”.

Entrementes, Odailta Alves transcreve, reinventa prazeres, risos e gozos para “todes”, para todas as pessoas que se desafiam a caminhar pelos entrelugares do seu corpo e do outro. Prazer que suplanta as categorias únicas e excludentes de gênero, sexualidade e identidade: antes de dizer o nome, soltou: “Sou um homem trans”. No transmutar da dor, do medo, da paixão e do amor, ela transcreve distintos, diversos e únicos corpos que se comunicam entre os espaços intersticiais dos rizomas do amor. Substância essa que alimenta e sustenta os gozos vividos da “pedagogia do prazer”.

Indubitavelmente, *Pretos prazeres* ressurgiu de dentro das fronteiras dos nossos corpos. Perambula por entre os sonhos e desejos impedidos de ser e crescer. Viaja e rompe cartografias corporais do existir. As letras transformam-se em corpos úmidos, ávidos de ar-amar, carecidos de amor. Uma literatura que provoca os mais secretos e desconhecidos anseios do experimentar e vivenciar as alegrias do viver. Destarte, uma obra que nos convoca a dançar desnudos de crenças, culturas e padrões morais de uma sociedade do limite. As palavras dançam a coreografia do encontro, do beijo, do toque, do prazer. Coreografia da vida. Portanto, Odailta Alves, nessa obra, instiga “todes” a escrevivenciar as músicas, os movimentos e os sabores do infinito mar de corpos. As palavras murmuram as ultravozes desejosas de vida. Uma literatura negra que se esculpe em mais uma forma de resistir e (re)existir na diáspora negra.

Referência

ALVES, Odailta. *Pretos prazeres*. Recife: Editora Lucel, 2020.

*Janaína de Lima Ferreira é professora, Graduada em Letras Português/Inglês pela UFRPE-UAST, Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela FAVENI e Mestranda em Estudos Literários pela UFPE. Participa do NEIA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade - e pesquisa sobre temas como corpo preto, espaço, memória, identidade, trauma escravocrata, escrevivência e transcrita na literatura negra diaspórica.